

Danças Urbanas: uma história a ser narrada

Introdução

A investigação teve início com estudo etnográfico da manifestação danças urbanas, a partir de depoimentos de seus praticantes.

Mais do que narrar um fato, ou relatar trajetórias, os depoimentos orais, apresentaram como finalidade principal relacionar memória e identidade partindo do tempo presente dos entrevistados e permitiu ver o processo de construção dos acontecimentos, constatação dos fatos e constituição de discursos. Valorizando assim os aspectos subjetivos do comportamento narrativo, foram analisadas experiências que se alojam em fantasias, no imaginário, nas sensações e sentimentos.

A entrevista como recurso metodológico utilizado para registro possibilitou uma parceria entre quem narra e quem registra. Optei por não elaborar um roteiro que as guiasse, para não engessá-las, possibilitando aos entrevistados que discorressem sobre suas experiências com a manifestação, despertando uma motivação consciente.

Danças urbanas

As danças urbanas originaram-se nos Estados Unidos, tem seu termo utilizado pelos americanos porque não veio do meio acadêmico, surgiu do povo, das festas de quarteirão. O termo *streetdance* (dança de rua) também é usado, por apresentar os diferentes estilos da dança, conhecidos como *Funk*, *Locking*, *Popping*, *Breaking*, *Hip Hop Freestyle*, *House Dance*, e *Krump*, assim como as suas subdivisões.

Outras vertentes dizem ter se originado na época da crise econômica dos Estados Unidos, na década de 20, quando músicos e bailarinos dos cabarés, desempregados foram para rua fazer seus shows. Outro viés descreve a dança com alusão aos soldados que voltavam da guerra do Vietnã “quebrados” ou a crítica social ao expressarem movimentos robóticos que significavam a substituição do homem pelas máquinas.

Nossos entrevistados pautados em Frank Ejara¹, afirmam a origem das danças em matrizes negras norte-americanas.

A partir das entrevistas construí um relato que possibilitou conhecer as bases das danças urbanas, como alguns estilos foram se constituindo e quais foram os processos de identificação, apropriação, incorporação e ressignificação da dança pelos seus praticantes.

Na década de 30 e 40, negros pertencentes às fazendas do Sul dos EUA, migraram para os grandes centros do norte do país, trazendo o *blues* como música rural e a música *soul* - que falava do sentimento deles em relação a Deus em encontros religiosos.

Nos anos 60, James Brown², através da música *funk*, surge com letras diferentes que falavam de sexo, dança e festa fugindo do contexto religioso e criando um ritmo mais animado que chamavam de *bounce*, fazia uso dos instrumentos de sopro e os metais eram forte na música, tornando-se um ritmo revolucionário. O “*funk*” passa a

¹ Dançarino, coreógrafo e pesquisador de danças urbanas.

² Cantor, dançarino e produtor musical norte-americano, reconhecido como uma das figuras mais influentes do século XX na música *soul* e *funk*.

caracterizar uma identidade pelo modo de se vestir, cantar e dançar. Além da música, sua dança conhecida como *Good Foot* (pé bom) passa ser referência.

Locking é uma dança clássica catalogada como a primeira dança urbana, caracterizada por movimentação rápida dos braços em música funk, assim como movimentos de “travar” os joelhos, produzindo a impressão de uma ruptura, congelando em certas posições e depois continuando rápido como antes. O dançarino conhecido como *locker* interage com o público sorrindo, apontando os dedos e batendo palmas, podendo ou não se caracterizar como naquela época, fazendo uso de boinas, coletes, suspensórios e meiões. Foi inventada por Don Campbell no programa americano *Soul Train*, onde muitos como os Jacksons Five, Tina Turner, Marvin Gaye se apresentavam, a platéia era formada pelos próprios dançarinos que faziam suas performances.

Dentro do programa um grupo de dançarinos que realizava esses movimentos formava duas fileiras chamadas *train line* (linha de trem), uma de homem e uma de mulher, faziam suas performances ensaiadas ou não. Depois disso Don e mais seis parceiros criaram o primeiro grupo de dança na modalidade locking, chamado “*The Lockers*” e começaram a apresentar-se em outros programas. Faziam uso da improvisação, sem coreografias, tornaram-se muito famosos, porém a duração do grupo não foi muito longa, com a separação cada um seguiu seu caminho plantando sementes.

Nesta época os próprios cantores contribuíam para a criação dos passos nas danças. *Campebell* tinha um movimento que se chamava “Funk da Galinha”, *funk chicken*, movimentava os braços como se fosse a asa de uma galinha, as pessoas pediam faça um *locking* e ele fazia o movimento com os braços e apontava para as pessoas e dizia: “Esse é prá você”. Eles falavam façam a dança do pinguim e todo mundo dançava o *funk penguim*. Aretha Franklin, conhecida como a rainha do soul trouxe a dança do *rock style*, movimento circulando o quadril, que acabou recebendo o nome de *funk style*.

Ficaram conhecidos passos como *scoob d’ôo*, que dava um chute com a perna, uma acelerada para depois correr. *Cartoon lock* que era o olhar do desenho animado, usavam o desenho do pica pau que quando estava correndo parava dava uma olhadinha rápida antes de continuar.

Em 92 surgiu um estilo chamado *drunk*, mais gangster, *crazy (louco)*. Um jeito de dançar com ritmo mais rápido, uma vertente do rap mais agressiva. É caracterizado por movimentos livres, expressivos, de improviso, raramente são coreografados. Praticados em batalhas envolve certo grau de agressividade e contato físico. Também conhecida como dança do palhaço, por fazer uso de pinturas faciais. Com isso os cantores começaram a criar passos, como *snap fighters* por causa da música *snap fighters* e as pessoas dançavam estalando os dedos, *motorcycle*, marcavam a música como se tivessem acelerando uma moto, posteriormente veio o *motorcycle snap*.

Outros movimentos receberam o nome de pessoas famosas como o do comediante Jerry Lewis, toda vez que falava alguma coisa engraçada fazia uma dança que era típica dele.

“*Como tudo que é diferente causa impacto eles foram tendo os seus seguidores e assim contribuíram para a construção de uma dança social*”³.

Enquanto o *locking* estava sendo criado na cidade da Califórnia, a dança *break* nasce na cidade do Bronx entre jovens afro-americanos e latinos influenciados pela música funk e por músicos da época, queriam dançar e como não possuíam recursos para frequentar *clubs*⁴, acabaram indo para as ruas. “*Reuniam-se, juntavam caixas (na*

³ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca, SP, 12 abr 2011. Entrevista

⁴ Os “clubs” casas noturnas em que tocavam os estilos musicais para a prática das danças urbanas.

época as geladeiras vinham em caixas de papelão) e dançavam em cima do papelão, tinham a influência da salsa, das danças de salão latinas, dos filmes do Bruce Lee”⁵.

Nesses encontros usavam rádios a pilha chamados *boombox*, que hoje podem ser vistos em vídeos antigos de rap, começaram a criar movimentos, construir um vocabulário próprio, expressado através de cada passo e da vestimenta.

Inspirados na salsa e na dança *charleston* criaram um dos primeiros *tops rocks*⁶, outros vieram e foram ganhando força e aumentando o repertório. Cada dançarino tinha o seu e não podia copiar o do outro, procuravam referências, na salsa, nos movimentos do Bruce Lee e também em danças russa, procurando sempre um *top rock* diferente.

Os jovens da cidade de Bronx perceberam que jovens do *Brooklyn*, apesar de fazerem a mesma dança, utilizavam passos diferentes, chamados *up rock*, que era a soma de movimentos de ataque e defesa simultâneos feitos por mais de um dançarino. Começaram então a introduzir movimentos de luta nos quais eram possíveis rolar pelo solo e tomar uma postura em pé novamente. Assim o *top rock* inspirou a criação do *foot work* (trabalho com os pés), caracterizados por movimentos circulares feitos com apoio das mãos e dos os pés ao mesmo tempo, acompanhados pelo ritmo da música.

“A nomenclatura do footwork é dada pela quantidade de passos, tendo o six step (seis passos), three step (três passos), four step (quatro passos), outra pelo formato recebeu o nome de front back, aonde o movimento vai para frente e depois retorna. Ainda acharam que não era o suficiente, já existia o top rock, o foot work e como estavam batalhando faltava alguma coisa começaram a criar os stencils e os freezes, poses mostrando seus estilos, faziam essas poses sempre no final de um foot work. Com o tempo foram acrescentados movies que são movimentos de grandeza, os giros, os fleurs, os moinhos, movimentos da ginástica olímpica, da capoeira para dar brilho. Esses movimentos acabaram sendo tão considerados que surgiram campeonatos de top rock, foot work. Nas batalhas esses movimentos ganham muita força, deixando a dança mais emocionante, o dançarino voando, girando de cabeça para baixo, ou com uma mão só, ou sem a mão só com a cabeça, faz a dança ganhar mais força chamando atenção da mídia”⁷.

No final da década de 60 o DJ (Disc Jockey) jamaicano Kool Herc fugido das guerras civis do seu país chega aos EUA, na cidade do Bronx, trazendo as *Block Parties*⁸, assim como os *Disco-mobiles*⁹.

“Nas festas Herc criou um jeito de trabalhar com os discos, ao invés de ter um toca disco ele usava dois, num ele tocava a música e no outro arranhava os discos, dava aquele efeito no disco enquanto a música ficava tocando, fazia o efeito combinar com a música de maneira melódica, rítmica. Passou a utilizar esse recurso para ficar voltando à música, o cantor estava cantando e quando dava uma pausa e entrava a batida, fazia com que os jovens dançassem e ele repetia essa batida, colocava dois discos com a mesma música, um disco deixava já pausado nessa parte, o disco de cá deixava tocar a música inteira, quando entrava essa batida, antes do cantor voltar a cantar o DJ dava pausa aqui e play para começar a tocar o outro disco, e a batida continuava, ele podia fazer isso por vários momentos, a isso foi dado o nome de break beat, break quebrar, batida quebrada, usando só a parte que queria da música”¹⁰. Kool Herc costumava pegar o microfone e anunciava o desempenho dos jovens que dançavam nos intervalos da música break, quando tocava o *break beat* eles entravam nas rodas e executavam as performances

⁵ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca, SP, 12 abr 2011. Entrevista

⁶ Passo utilizado pelo B.Boy quando inicia a dança marcando a batida mais forte da música para cada lado.

⁷ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca, SP, 13 abr 2011. Entrevista

⁸ Festas de quarteirão

⁹ Discotecas ambulantes

¹⁰ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca, SP, 13 abr 2011. Entrevista

que já faziam nas rodas de papelão na rua. Isso começou a chamar atenção de Kool dando nome aos dançarinos da breakdance de Bboy e Bgirl, B utilizado para Break, Bronx ou Brooklyn.

“Break não era uma dança feita á toa, tinha a força do DJ construir aquela batida para eles dançarem. O DJ era o próprio MC (Mestre de Cerimônia) animando a festa, falava com o bboy e a bgirl o movimento que eles estavam realizando e isso dava mais força para a dança ficar popular”¹¹.

Nos bairros do Bronx e Brooklyn existiam turmas chamadas de crew, que brigavam por disputa de territórios, faziam seu grafite na parede, vinha outra crew e fazia outro por cima, para mostrar *“esse território é nosso, tem que estar com o nosso nome”* e as brigas começavam, havia crew de grafite, depois viraram crew de dança, dançavam para disputar e conquistar território, quem perdesse não ocuparia mais aquele lugar.

“Uma rivalidade conhecida era da New York Street Breakers X Rock Steady Bull, disputa tão famosa que ao lançarem o filme Beat Street era contada a história dessas duas crews. Existe uma cena em que os NYSB estão com uniforme azul e o RSB com o uniforme vermelho listadinho da Adidas, eles realizam essa batalha num clube. É uma das principais cenas do filme e foi uma das primeiras cenas de batalha de dança”¹².

“África Bambaataa, DJ, nascido e criado no Bronx pertenceu a uma das gangues mais temidas, chamada Black Spades”¹³, juntamente com Herc contribue para que “as gangues tirem suas diferenças através da dança, disputas dançantes que ficaram conhecidas como “batalhas de break”, onde um dançarino “quebra” o outro no sentido de dificultar a movimentação nas batalhas dentro das Block Parties.”¹⁴.

Desse modo a improvisação e o humor foram elementos que se consolidaram nesse estilo das danças urbanas. O desafio e a provocação também eram utilizados pelos praticantes da dança como uma forma de duelo, uma batalha de movimentos. Nem sempre havia um vencedor ou a preocupação com que houvesse. O interessante era o jogo entre os dançarinos, um jogo de pergunta e resposta em que o movimento é o vocabulário utilizado.

Em Nova York aconteciam os quatro elementos simultaneamente, o grafite, DJ, MC e o Break. As crews de grafite batalhando nas *Block Parties* e os DJs animando as festas, esses artefatos estavam cada vez mais unidos, parecendo uma coisa só. Bambaata e Herc resolveram dar um nome para esta manifestação cultural que estava acontecendo de hip hop, traduzindo seria hip mexer e hop quadril.

A cultura hip hop passa ser caracterizada pelo grafite, a dança break, o DJ e o MC, o rap com significado de ritmo e poesia surge nas festas, enquanto os DJs mandavam os beats, os MCs pegavam o microfone para animar as pessoas rimando na batida da música funk. Com o tempo essa batida foi ficando mais marcada, pedindo um *feeling* diferente, o que era mais em cima, uma energia que saltava das pessoas, virou um ritmo mais pesado, mais para baixo, em contato com a terra, por influência das raízes africanas. O rap com falas rimadas e ritmadas trazia a realidade dos guetos. O termo rap também incorpora o conceito *“revolução através da palavra”*.

Hoje alguns pesquisadores já consideram um quinto elemento para a cultura hip hop, o conhecimento. Como podemos ver nas falas;

“Eu, Alessandro Buzo, faço parte do quinto elemento do hip hop, o conhecimento, livros e filmes...”¹⁵.

“... a importância do notar e saber, conhecer as coisas na íntegra, de querer estudar, querer compreender o que você vai fazer, antes de assumir qualquer tipo de coisa estuda aquilo primeiro, para depois assumir de vez, estudei, conheci primeiro...”¹⁶.

Ou mesmo quando Nelson Triunfo¹⁷ afirma:

¹¹ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

¹² SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca, SP, 13 abr 2011. Entrevista

¹³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Afrika_Bambaataa

¹⁴ [mhtml:file:///D:/FMU/Origens históricas do Street Dance.mht](mhtml:file:///D:/FMU/Origens%20hist%C3%B3ricas%20do%20Street%20Dance.mht), p. 2

¹⁵ BUZO Alessandro, Hip Hop: Dentro do Movimento. Coleção Tramas Urbanas (Literatura da Periferia Brasil) Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2010.

¹⁶ REIS Marcos, Liceu Municipal de Artes de Taboão da Serra, SP, 30 mar 2011. Entrevista

¹⁷ Dançarino de funk original e danças urbanas, coreógrafo e educador social, considerado o pai do Hip Hop no Brasil.

“Muita gente fala vou estudar, ter o conhecimento, mas não é só estudar, ter o conhecimento com uma coisa chamada consciência que é muito importante, porque para você por qualquer conhecimento no seu grande apogeu de sabedoria, você tem que ter a consciência, porque se não você não sabe o que fazer com esse conhecimento...”¹⁸.

Em 1970 começaram a surgir os teclados eletrônicos, com o uso do gás hélio. Ao invés de usarem a batida da bateria, usavam a eletrônica, mais marcada, a música começou a ficar mais sincopada, com desenhos eletrônicos. Como os sons foram mudando as danças também mudaram, os movimentos começaram a ficar mais contraídos, o que era *funk* começou a ser dançado na forma de *popping*, uma dança do final da década de 70 e início dos anos 80.

Boogaloo Sam foi o criador da dança *popping*, tinha um grupo chamado Electronic Boogaloo Lockers, dançavam locking inspirados no “The Lockers”, com a música mais cadenciada e a caixa mais evidente, toda vez que Boogaloo contraía seus músculos ao realizar suas performances dizia pop, pop para dar a noção de explosão como uma pipoca, passando o grupo a chamar-se Electric Boogaloo. A dança *popping* acabou por influenciar outros tipos de danças que incorporam seus movimentos como a dança *waving*, que são ondas pelo corpo e se enquadra no perfil *popping*, assim como os movimentos robóticos.

À medida que o tempo foi passando a batida da música hip hop foi ficando mais marcada, vieram outros recursos, houve aumento na a qualidade dos produtores musicais e ritmos diferentes foram surgindo. As danças sociais começaram a fazer parte de vídeos clips, dando um novo vocabulário para os dançarinos, que começaram a quebrar os passos e os movimentos. Foram tendo influência do locking, do *popping*, do break e principalmente das danças sociais e começaram dar forma livre para o corpo, criando a dança hip hop freestyle. O grupo pioneiro é o Elite Force Crew (Budda Stretch) que dançaram em vídeos clips de Mariah Carey, Michael Jackson, eram coreógrafos e se uniram. No Brasil o grupo considerado precursor é o Back Spin Crew criado em 1985 na São Bento em São Paulo.

“Hoje elementos do grupo Elite Force Crew dão palestras e criaram um logotipo usado em tênis e camisetas, ao analisar a história de cada um, eles não só dançam hip hop freestyle são conhecedores também da dança locking, break, popping e de clubes.”¹⁹.

O *wacking dance* surgiu nos *clubs gays*, é uma dança dos anos 70, porém considerada nova, pois vem sendo estudada nos últimos anos. Traz referência do locking, executando movimentos de grandeza, com aspecto feminino.

“O wacking é uma dança que está em evidência, tem influência do jazz, movimentações de pernas, ângulo dos braços, é dançada com música funk, música disco, existem poucas pessoas que dançam, conheço Juju Ramos. São brasileiros que dançam e sabem o que estão fazendo. No começo as pessoas falavam que era uma forma homossexual de dançar locking, os homossexuais da época tentavam dançar locking e realizavam os movimentos de uma forma mais extravagante e acabou surgindo o wacking. Outros dizem que um dos componentes do “The Lockers” numa festa brincava, rachava e teve seus movimentos satirizados de forma feminina”²⁰.

A dança *house* considerada dança de salto, se diferencia muito de todas as danças urbanas. O funk tem uma energia jogada, pulsando para cima, o *house* surgiu com o feeling para baixo, outra pulsação, outra influência. O movimento é executado para cima, enquanto o corpo está descendo, trabalha com muita movimentação de pernas. Não tem a história de um criador, surgiu em *clubs*, cada um dançava de um jeito, foram surgindo passos e vieram os improvisos assim como nas danças sociais. Mop Top e Elite Force Crew foram os grupos de dança precursores a levarem o *house* para o palco. A Cia Ritmos de Rua Family idealizada por Edson Guiu, trouxe o *house* e o hip hop para o Brasil e começou a desenvolver um trabalho de pesquisa.

¹⁸ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

¹⁹ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

²⁰ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

“O house é o começo de um estilo mais eletrônico, tem influência musical do funk, com várias ramificações como o disco house, hip hop house, eletro house, afro house. Dentro de uma questão cultural traz influência do sapateado, danças latinas como o merengue e a salsa, danças africanas e a ginga da capoeira de Angola”²¹.

“Das danças urbanas todas é aquela mais introvertida, você não dança para querer mostrar movimentos incríveis e bonitos, é lúdico pra você, é prazeroso para quem executa, diferente do hip hop que praticamente você está conversando com a pessoa, ou o locking que tem aquela coisa mimética, o house é pra você”²².

Cabe aqui esclarecer que existe o hip hop cultura, hip hop music e hip hop dance, são três manifestações diferentes que estão ligadas. A Cultura hip hop traz o grafite, o break (b.boyng), o MC (rap) e o DJ, os quatro elementos, a música hip hop vem da cultura hip hop, a dança hip hop porque é dançada na música hip hop, surgiram uma da outra, mas não são a mesma coisa, a dança hip hop (*freestyle*) é diferente do break, que é dançada com no break beat da música funk.

“A dança break é como se fosse o tronco de uma árvore e a partir deste tronco fossem surgindo outras danças com ramificações como o top rock, up rock, foot work, popping, hip hop freestyle, house”²³.

Nos anos 80 foram lançados filmes com o tema dança de rua e cultura hip hop. O filme *Break Beat* chegou às telas do cinema e a dança *break* começa a ser praticada por todo o mundo. Nos filmes *Breakdance*, *Breakdance II*, não aparecia somente à dança *break*, também dançavam o *locking*, o *popping*, *waving*, porém tudo era chamado *break*. Isso acabou confundindo os adeptos da dança.

A televisão também contribui para essa confusão ao chamar as danças de *streetdance*. O *streetdance* é como a dança de salão que traz diferentes estilos. Por não ter acesso aos arquivos dos criadores, dava nomes aos movimentos como o *wave* de cobrinha, o *flair* de cavalo.

“Essa confusão foi algo que repercutiu tanto na mídia no Brasil como também nos EUA. Michael Jackson usou um passo que já existia desde os anos setenta e lançou como moonwalk que é outro completamente diferente, backslide é aquele passo que tem que andar pra trás como o Michael Jackson faz, para frente frontslide e para os lados leftslide e rightslide. São as direções que os slides acontecem. Michael Jackson lançou como moonwalk que era como andar na lua, confuso porque não dá para andar na lua de costas, isso confundiu a mente da pessoas, falar que o passo que o Michael faz não é moonwalk causa revolta em milhões de pessoas, como ele não criou o moonwalk? A gente viu é da nossa época. Só que não viram os arquivos existentes que pertenciam aos criadores, que gravaram na casas deles. O Michael Jacson aprendeu com eles e lançou como moonwalk, anos depois eles foram à mídia e disseram a gente criou esse passo, temos registro de anos, muito antes de aparecer o moonwalk. Ele teve que pedir desculpas, confessando que não criou. Mas temos que admitir que por mais que não tenha criado, executa super bem e contribuiu muito por tudo que fez pela dança de rua. São os mitos que existem dentro da dança que a gente tem que quebrar. Você vê hoje em dia esses programas buscando informação, antigamente via um concurso de dança de rua na TV e gente que não entendia julgando, artista julgando, hoje em dia você vê um concurso de dança de rua na Xuxa e professores da dança julgando, como Nelson Triunfo.... de um certo modo mais justo, eles estão entendendo o que estão falando para julgar o grupo corretamente, dando explicações, antigamente em shows de talento um grupo dançava jazz numa música hip hop e falavam que era streetdance, hoje em dia a gente não vê mais isso, existe o streetjazz, que é uma modalidade criada em academia, dançar jazz com música de hip hop e dá uma aparência de hip hop, mas é uma outra dança é o streetjazz não é o streetdance. A mídia contribuía divulgando, mas ao mesmo tempo dava informação errada”²⁴.

No Brasil um dos primeiros praticantes do funk foi Nelson Triunfo, nascido em de Triunfo (PE). Aos 15 anos vai estudar em Paulo Afonso (BA) trazendo o frevo, o maracatu. Adepto do movimento soul começa a acompanhar as bandas de blackmusic.

²¹ SANTOS Daniel, Galeria Olido , SP, 03 abr de 2011. Entrevista

²² SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca , SP, 13 abr 2011. Entrevista

²³ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

²⁴ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca , SP, 13 abr 2011. Entrevista

“Em 72 fiz o primeiro clube nordestino Funk Soul, chegava às informações de Torny Tornado, James Brow, mas ali não, ninguém sabia como dançava aquilo, só balançava e pá e eu dançava o funk original mesmo”. Muda-se para Ceilândia (DF) onde termina o colegial e vai trabalhar na construção civil e posteriormente numa tipografia. “Foi em Brasília que vi pela primeira vez aquelas equipes de som de verdade tocando James Brow, quase me matei de dançar. Quando vim para São Paulo que comecei a fazer carreira dentro da dança, montei o grupo Funk & Cia e excursionamos pelo Brasil, nos anos de 76,77 e 78”²⁵.

Em 1980 o Funk & Cia foi premiado pelas equipes de som de São Paulo como “O Melhor Grupo de Dança Popular do Brasil” tornando-se referência em dança, na cidade participando de bailes como o realizado pela equipe Chic Show²⁶.

A dança *funk* surge desvinculada de padrões estéticos acadêmicos, sem preocupação com nome e execução dos passos.

“Na época para a gente a dança não tinha muita técnica, digamos que a gente olhava os movimentos e copiava, depois que começamos a entender que existiam contagens, os aquecimentos, na época a gente não se aquecia não, já chegava dançando, o aquecimento era a própria dança, hoje não, hoje tudo é mais técnico, antes era mais uma forma de tirar um barato, curtir, apesar de já estar aparecendo em televisão, mas hoje não”²⁷.

“Em 1983 com o atropelo da “Disco Music” nos principais veículos de comunicação da época, o “Soul” se extingue, porém, em seu lugar surge uma nova dança, também gerada nas ruas, a “Break Dance”. Informados de que os B. Boys (dançarinos de Break) se reuniam em locais públicos de grande aglomeração popular, o Funk & Cia, fez da Rua 24 de Maio, com a Dom José de Barros, no centro de São Paulo, o principal ponto de encontro dos dançarinos de rua, abrindo assim oficialmente as portas do Hip-Hop no Brasil, por meio da “Break Dance”²⁸.

A dança break foi trazida pela elite brasileira que viajava para os Estados Unidos e a praticava nas casas noturnas badaladas. Nelsão, como ficou conhecido, foi quem a trouxe de volta às ruas. O Funk & Cia passa a excursionar divulgando a nova dança. O sucesso conquistado pelo grupo propiciou sua participação na abertura da novela “Partida Alto”, exibida pela TV Globo, em 1984.

Na década de 80, os filmes de breakdance (*Flashdance, Beat Street, Breakdance I e II*) e vídeos clips chegam ao Brasil e acabam influenciando os jovens das periferias urbanas, ao se identificarem com as cenas de exclusão social, racial, violência policial e a realidade das gangues. A vestimenta também passa a exercer influência. Outros filmes que marcaram foram *“No balanço do Amor; Honey: no ritmo do seu sonho, Entre nessa dança: hip hop no pedaço e Vem dançar”*

A prática do funk e do break acaba sendo vista como resistência a era das discotecas.

“Na TV eles me colocavam prá dançar com Tony Tornado o pessoal daquela época, me preparavam prá dançar e arrebrantar, só que eles queriam que eu não falasse nada, os próprios caras da TV eram orientados para não me darem o microfone, naquela inocência eu achava que queriam que pensassem que eu era americano, era tempo de Morris Albert, brasileiros que cantavam em inglês e se passavam por estrangeiros, pensava que eles queriam que pensassem que fosse um gringo, depois descobri que era porque tinha um sotaque muito forte nordestino, olha que sacanagem... A minha própria família falava que estava dançando e eles falavam mas quando é que você vai trabalhar? Meu trabalho é a dança... não isso é coisa de vagabundo, não tem coisa pior que você sofrer preconceito dentro da própria casa que é seu lugar de descanso...Meu pai falava que meu cabelo era coisa de viado....falar que meu cabelo é ruim é que deram informação prá gente de algumas coisas que as pessoas usam até sem saber e ficam divulgando uma maldade do sistema, por exemplo, a palavra denegrir, deixar mais negro,

²⁵ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

²⁶ Equipe de som que ficou famosa na década de 70/80 ao realizar bailes *blackmusic* pela cidade de São Paulo

²⁷ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

²⁸ http://acordahiphop.fazbarulho.com.br/2011_03_01_archive.html

ficou com significado de rebaixar, diminuir prá nos detonar. Voltando a falar do meu cabelo, não existe cabelo ruim, o cabelo ruim pode ser o liso para fazer um black como o meu. Meu cabelo é muito mais que um cabelo é um símbolo de resistência...”²⁹

Nos anos 90 Nelson Triunfo integra-se ao projeto da “Casa do Hip-Hop de Diadema”, com o propósito de retirar jovens da rua, desenvolvendo atividades estimuladas pelos elementos do Hip Hop.

“Hoje muitos jovens sobrevivem das oficinas como djs, dançarinos, grafiteiros, mcs, muitos tiveram conscientização da sua cidadania e partiram para outros campos, para filmagem, teatro, televisão e música mesmo. Já tivemos cantores em nível mundial que saíram daqui, temos DJ na Bélgica falando seis línguas, quando moleque nem falava direito com a gente aqui. A dança foi nosso principal veículo de comunicação, porém nos outros com toda diversidade que é tão forte tornaram-se maior do que a dança em alguns momentos. O resultado é um aglomerado de várias linguagens e trabalhos que foram se somando”³⁰.

“a dança acabou sendo um caminho muito bom para mim, a dança de rua fez comigo uma transformação, errei, mas hoje tenho um objetivo dentro desse caminho que é transmitir meu conhecimento. Conheci coisas e pessoas boas, estudei, conheci e hoje falo que não sou mais um cara do hip hop, porque é difícil falar quem é do movimento, hoje o hip hop é uma coisa muito grande, é difícil explicar o que é ser do hip hop, cada lugar conta uma história diferente, vive uma questão social diferente, a minha eu vivo e não sei se a dos outros é igual a minha, foi isso que enxerguei dentro da sociedade. Hoje a questão do hip hop não é mais vista como antigamente, a união dos 4 elementos. Hoje cada movimento está no seu cantinho, ninguém busca mais fazer o movimento como era antes, como era lá no Bronx e como era aqui, quando começou tudo era um movimento pelo hip hop, hoje eu faço o movimento pela dança, o outro pelo MC, o outro pelo grafite, o outro pelo DJ e sempre cada um tá preocupado com o seu, não está preocupado com a questão de um todo, por isso o movimento acabou enfraquecendo”³¹.

Neste contexto a dança de rua assume uma característica salvadora, afastando os jovens das drogas e da vida no crime.

O estudo sobre a nomenclatura e ramificações da dança começa a ser desenvolvido no final dos anos oitenta e no Brasil essas informações chegam bem depois. Assim os dançarinos começam a copiar e repetir os movimentos, elaborando formas de dançar em duplas, trios, grupos, em rodas, mesmo sem ter conhecimento, alguns gestos vão se tornando comuns e característicos da dança de rua, como a expressão, a posição do cavalo, movimentos de força, luta, adquirindo uma linguagem própria. Os pontos de encontro passam a possibilitar um sentimento de pertencimento.

“Conheci esse colega, fazendo uns movimentos de chão, cabeça, moinho, cavalo, peão de cabeça, me interessei pela dança, fazia muito pulo, salto mortal, meu forte era esse, fazia capoeira, pedi para ele me ensinar a dançar e a resposta foi vai na São Bento, lá você vai aprender, aí fui conhecer a São Bento... comecei a ir prá lá, pro Vale do Anhangabaú e eles dançando break, todo mundo fazia seu próprio movimento destacado que era gangue, encontro de b.boys, então as gangues se encontravam para ver quem dançava melhor...comecei a aprender, a gente veio prá Praça Luís Gonzaga que tinha um palco enorme, comecei a dançar solo, difícil, dança de chão, tinha os caras do street, os caras do sapateado, cada um movimento diferente... colocava o gravadorzão e o pessoal treinava, aí ia para fora prá catar dança nova, passo novo, os caras fazia e a gente ia aprendendo, e aprendi várias coisas, aprender o hip hop não é qualquer coisa não. Minha dança era só para palco, coreografia com mortais, eu treinava para isso. Você ia prá salão prá dançar o break abria a roda, eram várias gangues, aí entrava na roda prá ver quem dançava melhor, sempre saía guerra, uma briga. Depois vieram as b.girls, as meninas começavam a dançar também, as b.girls dançavam prá caramba, tanto que tem menina que dança street. A gangue Pirajussara break, era uma turma que começou no Pirajussara... quando começou era bom, até hoje, começou a vir muita gente prá praça, nosso espaço começou a ser invadido, vinha gangue do Jabaquara, do centro da cidade, de Santo Amaro, do São Judas, começou a sair atrito, a rapaziada tava trazendo movimento novo só que a minha gangue não queria entender. O pessoal veio vindo, fizemos uma união, uma ONG que depois acabou também, um foi fazer luta, outro foi cantar hap no Z’Africa Brasil, comecei a dançar no palco pro Sabedoria de Vida, cantar rap não era aquela febre que é hoje, as molecadas foram atrás, porque o rap nunca deu sucesso, só deu com os”

²⁹ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

³⁰ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

³⁰ TRIUNFO Nelson, Casa do Hip Hop em Ação, Diadema, 05 abr 2011. Entrevista

³¹ REIS Marcos, Liceu Municipal de Artes de Taboão da Serra, SP, 30 mar 2011. Entrevista

*Racionais". Falar sozinho é difícil, é bom ver o movimento do pessoal dançando, esse movimento aqui é o bug, esse aqui é solo, esse é o moinho, esse daqui é um movimento perigoso o mortal que eu gostava de fazer, subir nas paredes, pirulito, parafuso no alto, o que eu amava era isso aí, moinho, peão de cabeça, resistência com as mãos*³².

As apresentações em show e o início dos concursos e festivais acabaram por aproximar a dança de rua dos palcos e academias.

Em Janeiro de 1991, foi criado na cidade de Santos, o primeiro curso de "Dança de Rua" no Brasil, pelo coreógrafo e bailarino Marcelo Cirino, baseado em trabalho prático e de pesquisa, desde 1982. Formou um grupo de dança amador que se tornou profissional, tendo como primeiro nome Grupo de Rua de Santos e hoje Grupo de Dança de Rua do Brasil. Iniciou com bailarinos que possuíam treinamento acadêmico, movimentação e deslocamentos de jazz no palco, executando uma dança com força, energia, expressão fechada, que caracterizavam a dança de rua.

Frank Ejara considerado por um dos nossos entrevistados como o "dinossauro" brasileiro na pesquisa sobre danças urbanas, em 1992, fez parte do primeiro grupo profissional de Street Dance no Brasil, projeto que envolvia dançarinos, MC's, DJ's e designers de moda. Começa então a desenvolver um estudo sobre as origens e fundamentos das danças Breaking, Popping, Locking.

Seu aprofundamento transforma as danças no Brasil, trazendo mais conhecimento surge uma nova geração de dançarinos, conquistando respeito e reconhecimento internacional. Em 1999, cria a Cia. Discípulos do Ritmo. Foca seu trabalho nos teatros e na dança de forma profissional, conquistando um espaço que era exclusivo do ballet e da dança contemporânea.

Para Guarato:

*"A dança de rua é tanto estética como social, uma cultura popular plural, que quando analisada por via estética causa estrondosas definições, pois a dança de rua, tal como seus praticantes, tal como a cultura popular, estão inter-relacionando o tempo todo, num processo incessante de apropriação e incorporação, recusa e assimilação, consumindo e produzindo a dança. Diante dessa realidade, não há como manter uma manifestação cultural congelada no tempo"*³³. (2008, p. 203)

Em entrevista ao grupo de dança Consequência do Som, Frank Ejara comenta:

*"... porque na real, a minha Cia não é hip hop original, nenhum hip hop original vai para o palco, porque nosso lugar não é ali. O nosso lugar é nos clubs, é nas batalhas, na vivência do hip hop do dia a dia. A partir do momento que eu faço uma criação, um espetáculo eu já não tenho mais como ser original... eu acho que a gente tem que fazer as coisas com as nossas ferramentas e evoluir com elas, pra linguagem evoluir também"*³⁴.

Dito isto, não se pode deixar de reconhecer que a partir da legitimação estética da dança, das referências externas e internas, apropriação e incorporação de seus códigos, produz-se o híbrido com novas formas de expressão.

*"O legal das danças urbanas é a capacidade de absorver características de outras danças da cidade, de alguma forma uma está ligada a outra. Eu e meu parceiro estamos fazendo um laboratório, danço locking e estou pesquisando a dança popping, ele faz um movimento da dança locking para eu transformar em popping, temos uma coreografia chamada "Dupla Identidade", as duas danças ao mesmo tempo"*³⁵.

³² ADILSON (Tico), Pç Luiz Gonzaga, Taboão da Serra, 10 de abr 2011. Entrevista

³³ GUARATO, Rafael, Dança de rua: corpos para além do movimento. Uberlândia, Eduf, 2008

³⁴ <http://consequenciadosom.wordpress.com/2009/11/23/com-a-palavra-frank-ejara/>

³⁵ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

A partir de então passam a coexistir imbricações entre praticantes da dança oriundos das camadas populares da sociedade e grupos pertencentes às academias e companhias de dança.

“no começo foi mais a galera da periferia porque não tinha um recurso de pagar um estúdio, lá nos anos 80, então eles tinham que ir para a rua, para as praças, com o tempo esse próprio pessoal teve condição de ir para as academias, mas para ensinar, porque ficaram famosos pelo que faziam, da periferia foram para a academia ensinar, a galera que tinha dinheiro aprendeu essa dança, se formou e passou a ensinar também, isso começou a ficar prá galera que tinha grana. O pessoal que não tinha, ensinou prá quem tinha, que ensinou prá quem tinha. Depois de um tempo isso voltou para os projetos públicos, você vê a dança de rua em escola pública, no CÉU, em lugares assim, jovens que não têm o mesmo recurso financeiro que o da academia tem e também tem acesso a dança . Também porque se identificam com o rap, que fala sobre a periferia, então escuto essa música e me identifico com ela porque também sou da periferia, então é mais fácil eu dançar aquela música porque aquilo já faz parte de mim, daquela realidade. Hoje é difícil falar porque a gente vê o pessoal da periferia sair para dar aula na academia ou o pessoal da academia ir até a periferia para dar aula nos projetos públicos, então misturou e não tem como você falar hoje em dia se é algo da periferia ou se algo da burguesia. A dança de rua, preferimos dizer as danças urbanas são de todo mundo, um patrimônio cultural que é nosso, a gente tem que preservar , curtir independentemente de valores”³⁶.

Considerações Finais

As danças urbanas como manifestação popular possibilitaram primeiramente aos jovens da periferia uma alternativa de acessarem espaços urbanos mais centralizados. A partir da prática da dança foram incorporando hábitos, crenças e valores, construindo e apropriando-se de significados. Consumindo a dança como forma de estarem inseridos na sociedade.

A manifestação cultural foi ramificando-se conforme a mudança da música, trazendo outras expressões corporais, a fluência do ritmo foi influenciando no *feeling* do dançarino. Segundo Daniel, praticante da house dance e freqüentador da Galeria Olido³⁷, essa é a idéia da *JAM OLIDO*³⁸, resgatar, reviver o feeling existente durante o surgimento do movimento hip-hop em São Paulo.

Esse foi o sentimento que tive ao visitar a Galeria Olido e realizar algumas entrevistas, conforme o DJ vai trocando esses ritmos musicais a expressão corporal dos dançarinos vai mudando. Eles se agrupam em determinados espaços de acordo com o estilo que dançam, as rodas ficam aparentes e vão se alternando, ora é possível identificar b.boys e b.girls com suas manobras, ora os dançarinos de *popping, hip hop, locking, house e wacking* vão ficando em evidência. Neste momento é possível remeter as origens da dança apesar de não ter vivido naquela época, ao vê-los “curtindo” com tanta alegria e entusiasmo.

Em visita ao Sesc Consolação tive a oportunidade de assistir a final de uma batalha entre a *Style Crew* e a *Detroid Crew Baby*, tendo esta última equipe a participação de duas b.girls. Após quinze minutos de batalha a *Style Crew* consagrou-se campeã pela performance na realização dos movimentos e pela postura dos b.boys ao comemorarem um movimento bem executado e ao modo como desafiavam a equipe adversária. Sendo possível identificar os estilos *top rock, foot work, flair, back spin* e o *power movie* da dança *break*.

Os b.boys participaram de outra batalha chamada “seven to smoking”, seis fizeram parte de uma coluna, enquanto outro aguardava para ser desafiado. Inicia a disputa com o primeiro da coluna, a cada batalha há uma votação. Quem ganhava ocupava o lugar de do desafiado, quem perdia ia para os “ares”, retornando ao final da coluna. Durante um tempo determinado, saiu-se vencedor o b.boy que ocupou mais vezes ocupou o lugar do desafiado.

³⁶ SOUZA Rafael, Céu Casa Blanca , SP, 13 abr 2011. Entrevista

³⁷ Local onde fica situada a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, com espaços para dança, cinema, teatro, música, circo, exposições e encontros.

³⁸ Evento na Galeria Olido onde praticantes de danças urbanas, profissionais e amadores, encontram-se para trocar experiências e fazer apresentações.

Neste evento conheci DJ Dan Dan, mesmo trabalhando prontificou-se a responder quais músicas eram mais tocadas para os estilos das danças urbanas. Seguindo a sugestão para a dança breaking músicas da “Apache Bongo Band”, para locking a banda americana de soul e funk “The Commodores”, para o popping a banda americana de soul e funk “Band Zapp”, para a dança house músicas da cantora americana “Crystal Water”, para o wacking a banda britânica de jazz funk e acid jazz “Jamiroquai”, para o krumping músicas do rapper americano “Sean Price” e para a dança hip hop Freestyle qualquer estilo de música hip hop.

“A essência da dança de rua é o feeling, o sentimento, como a música toca dentro de você, ao ouvir você começa a se mexer. Argumento falando para os meus alunos fechem os olhos e sintam a música, a mecânica às vezes impede de sentir a música, por mais que o movimento esteja errado ele precisa partir de dentro, quanto mais sentimento você coloca mais natural ele vai ficando e mais sentimento vai levando para outras questões do cotidiano, ao cumprimentar alguém, ao andar na rua, ao observar alguém entrar, vamos fazendo outras leituras. Para conhecer melhor a dança de rua é preciso ir para a rua, ir para as festas, para as baladas blacks, sentir o calorzinho daquela movimentação. Fazer aula, participar de um evento, participar de um evento é legal, mas não é a realidade da dança de rua. Ouvir a música e dançar com os amigos...”³⁹.

Ao ocupar outros espaços as danças urbanas foram se transformando, atendendo outros públicos. Praticantes da dança foram buscar informações e passaram a pesquisar ministrar cursos, criando companhias de dança.

Mesmo levando em conta a carência de referencial teórico sobre o histórico das danças urbanas, ficou notável entre os entrevistados o engajamento para além da pesquisa, no qual consideram também o processo de identificação, incorporação e apropriação da manifestação pelos seus praticantes.

Encerro esse relato com depoimento de um dos entrevistados:

“Danço á seis anos e pesquisa a três e é uma pesquisa incansável, como a dança é nova, ainda estamos descobrindo, muitas vezes chamávamos o movimento de determinado nome é na verdade é outro, é preciso entender da onde veio. A importância de pesquisar não só a música funk, os movimentos da dança locking, popping, como também os acontecimentos da época, o que as músicas queriam dizer, porque cantavam e dançavam de forma tão extravagante, o que aconteceu e respeitar da onde veio. As danças precisam ser pesquisadas para serem identificadas”⁴⁰.

³⁹ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

⁴⁰ GROOVE Diego, Céu Casa Blanca, SP, 12 de abr 2011. Entrevista

Entrevistas

ADILSON (Tico), dançarino de breaking na década de 1990, atualmente trabalha no Mercado Municipal de São Paulo

GROOVE Diego, dançarino de locking e professor de danças urbanas Céu Casa Blanca, SP

REIS Marcos, dançarino de breaking e professor de danças urbanas no Liceu Municipal de Artes de Taboão da Serra, SP

SANTOS Daniel, dançarino de house e estudante de educação física

SOUZA Rafael, dançarino de hip hop freestyle e professor de danças urbanas no Céu Casa Blanca, SP

Triunfo Nelson, dançarino de funk original e danças urbanas, coreógrafo e educador social, considerado o pai do Hip Hop no Brasil.

Referências Bibliográficas

ALVES, César. Pergunte a quem conhece: Thaíde. São Paulo: Labortexto, 2004

BUZO, Alessandro. Hip Hop: Dentro do Movimento. Coleção Tramas Urbanas (Literatura da Periferia Brasil) Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2010.

GUARATO, Rafael, Dança de rua: Corpos para além do movimento. Uberlândia, Edef, 2008

SILVA, José Carlos Gomes da. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. 1998. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998

Autoria: Rose Mary Marques Papolo Colombero

Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP

Julho/2011

